

Arquivos de criação à mostra: exposição no projeto literário de Suzy Lee

Luis Carlos Girão¹

CONHECIDA INTERNACIONALMENTE PELA PRODUÇÃO DE UMA LITERATURA ENDEREÇADA AO JOVEM LEITOR SEM FAZER USO DE TEXTOS VERBAIS, SUZY LEE é referência quanto ao potencial de significações atribuído ao livro-imagem na contemporaneidade. Compostas em narrativa pictórica – sem ou com pouquíssimas palavras² –, em páginas duplas, tais obras evocam o imaginário plástico de seu leitor, além de enfatizarem a materialidade do objeto livro. Esse leitor de imagens, por seu turno, não é apenas leitor, como também olhante³ – termo que se refere ao ser de linguagem que vive o agora da dupla distância propiciada pela aura da obra de arte, isto é, a experiência do espaçamento tramado entre a obra e aquele que azolha e é, simultaneamente, por ela olhado.

A autora oriental é graduada em Pintura pela Seoul National University, na Coreia do Sul, e obteve o título de mestre em *Book Arts* pela Camberwell College of Arts, na Inglaterra. Durante seu período em Londres, a artista sul-coreana teve acesso a um grandioso acervo da obra do britânico Lewis Carroll, além de ter refletido, teórica e criativamente, sobre o objeto livro em suas mais diversas formas, constituições. Como resultado de sua dissertação de mestrado, em 2002, Lee publica seu primeiro livro para crianças, um livro-imagem intitulado *Alice in Wonderland* – que poderia ser entendido como uma tradução literária em imagens plásticas para o clássico infantil *Alice's Adventures in Wonderland* (1865).

O diferencial na criação literária de Suzy Lee já se mostra pelos índices de processo que a *book artist* – como prefere ser chamada – deixa expostos em sua obra, dita, acabada, publicada. No entanto, o fazer artístico de Lee não cessa quando o livro é publicado pela editora. A artista sempre retoma, re-vive, re-apresenta sua produção ao falar sobre a mesma, sobre o seu processo de construção, sobre suas influências, sobre suas técnicas, sobre os acasos que incidem no seu fazer.

Quando se manuseia um livro de Lee, o natural estranhamento à composição artística se encarna nas sensações, nas percepções que afetam um leitor/olhante quando o mesmo se vê movimentando nos mais distintos ângulos, lados, tal objeto, dito, literário. Porém, sendo a autora também uma artista plástica, sua produção evoca um limiar de tempo e espaço bastante característico ao estar diante de uma pintura, de uma escultura. A hibridez do fazer artístico de Lee a localiza em uma verdadeira trama de textos das mais distintas linguagens – sonora, visual, verbal, tátil etc.

Esse explorar sinestésico das linguagens, no entanto, mostra-se ainda na constituição do sujeito Suzy Lee, uma dentre tantos artistas contemporâneos na produção de livros para crianças e jovens cuja hibridez se manifesta como uma característica basilar. Outra singularidade se faz no fato de a autora refletir teoricamente sobre o objeto livro, tanto em suas obras quanto em suas palestras, falas, escritos, assim como em seus site e blog oficiais – espaços em mídias distintas

¹ Doutorando em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP), bolsista FAPESP. Contato: luis.changmin@gmail.com

² NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 20-21.

³ DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010. p. 147-168.

para registros, armazenamento, documentação, de momentos diversos nos quais Lee expõe seu processo de criação.

Sob uma perspectiva crítico-processual, objetivamos com o presente escrito exercitar uma reflexão sobre as práticas comunicativas dessa artista que, desde sua formação acadêmica, encarna seus arquivos de criação à constituição de seus títulos literário-visuais. Acerca do seu “depósito de dados”⁴, a própria Suzy Lee discorre:

Minhas estantes e gavetas estão abarrotadas de fragmentos e de pedaços que “seriam úteis um dia”. Tudo, com exceção daquilo cujo paradeiro é desconhecido, acaba sendo útil. (Insisto nisso com firmeza). [...] Parecido com uma gaveta apinhada de tranqueiras é o caderno de esboços do artista. Ele está tomado de palavras ou imagens captadas durante um passeio ou uma conversa casual com um amigo.⁵

A coleta e armazenagem de tais objetos, tais experimentações de um fazer artístico, na busca de um devir obra acabada dentro do contexto de um projeto poético específico, leva-nos a indagar: o que essas mostragens de Suzy Lee – seja na publicação de um ensaio teórico, nas entrevistas para um programa de TV ou site especializado, nas inúmeras postagens em seu blog, na realização de exposições cujo tema principal são os arquivos de criação da sua obra – oferecem sobre o movimento do seu processo criativo?

Para a realização de tal percurso, ainda que breve, iremos operar com uma metodologia em rede, essencial à crítica de processo (desdobramento da crítica genética), buscando fornecer conhecimentos sobre os arquivos do processo que “inacaba” na publicação dos livros de Lee – e aos quais a própria artista está sempre recorrendo quando reflete sobre o objeto livro. Partindo do que Cecília Almeida Salles aponta como três perspectivas para se olhar esses arquivos – como “ambiente de interações, espaço de reflexão teórica e um campo em expansão”⁶ –, objetivamos realizar um exercício de crítica literária com foco nas práticas comunicativas dessa artista, cujo projeto poético está imerso na efervescência cultural de uma contemporaneidade que produz arte não mais entre fronteiras delimitadas, mas em espaços liminares – onde as fronteiras foram borradas.

Quando nos referimos à “percepção desses registros como espaço de elaboração teórica, a partir desses arquivos de criação”⁷, estamos constantemente falando sobre o projeto poético de uma artista que re-visita seus documentos, suas experimentações artísticas arquivadas, para “enfrentar a incerteza”⁸ na execução do seu fazer, do seu criar. Expor tais “índices de criações em processo”⁹ oferece à presente proposta um olhar de expansão para refletir acerca da constituição de um pensamento que visa denunciar o objeto livro – tanto em títulos publicados quanto em exposições de bonecos de livros que não chegaram a se concretizar, mas que não deixam de ser obra em processo.

Armazenamento e experimentação: arquivos em expansão

⁴ SALLES, C. A. *Arquivos de criação: arte e curadoria*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010. p. 217.

⁵ LEE, S. *A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 169.

⁶ SALLES, C. A. *Processos de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017. p. 56-60.

⁷ *Ibidem*, p. 66.

⁸ LEE, S. *Op. cit.*, p. 171.

⁹ SALLES, C. A. *Arquivos de criação: arte e curadoria*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010. p. 217.

Em campo de expansão à sua tão abordada metodologia em rede – presente em *Redes da criação: construção da obra de arte* (2006), pela qual pesquisadores fornecem conhecimento sobre os processos que geram seus objetos de pesquisa –, a semioticista Cecilia Almeida Salles desenvolve entre os anos 2015 e 2016 uma pesquisa sobre projetos artísticos em equipe, com foco na produção audiovisual cujo processo se dá em co-autoria, em ambiente coletivo. Tal trabalho resulta em um livro intitulado *Processos de criação em grupo: diálogos* (2017). O terceiro capítulo desse escrito é basilar para o presente ensaio por fornecer informações acerca dos arquivos de processo que expandem reflexões anteriormente trabalhadas pela pensadora brasileira em *Arquivos de criação: arte e curadoria* (2010).

Ao discorrer sobre os arquivos de criação como um espaço de interações do sujeito criador com sua presentidade e demais subjetividades, Salles afirma ser esta uma abordagem que oferece “uma grande diversidade de informações sobre o percurso de criação, lançando luzes sobre momentos diferentes do processo”¹⁰. No entanto, estar diante de tais arquivos de criação, em especial na contemporaneidade de obras que buscam expor sua trajetória de constituição enquanto mensagem, leva-nos a ecoar os questionamentos: “O que esse material oferece sobre o processo de criação? O potencial da documentação está sendo aproveitado e, como consequência, oferece uma leitura crítica de processo?”¹¹.

Partindo dessas questões, tendo a constituição de tal arquivo como tema direcionador das criações artísticas, ou mesmo uma necessidade do artista em preservar seu processo de criação, posicionamo-nos como reais indagadores, criadores de hipóteses acerca dessa metodologia de trabalho que resulta na geração de documentos que vão além da obra final. Testemunhamos a elaboração de uma obra que é resultado do arquivamento de processos. No entanto, voltamos a questionar: como o armazenamento de tais processos e as experimentações com tais documentos são usados? Na perspectiva de uma criação artística em processo, para quê esses arquivos são usados?

O conceito de inacabamento, defendido por Salles em *Gesto inacabado: processo de criação artística* (2013), contextualiza nossas indagações. E na esteira dessa reflexão, que leva em consideração as teorias dos processos de criação, a própria semioticista brasileira aponta três perspectivas para olhar os arquivos de criação – como ambientes de interações, espaços de reflexão teórica e campos em expansão¹².

Quando enfrenta os arquivos de um processo criativo como **ambiente de armazenar, coletar, registrar interações**, sob a luz de uma semiose, Salles enfatiza o ato do artista em documentar suas interlocuções, seu estar na efervescência de sujeitos em comunidade. A pensadora brasileira afirma que tal abordagem

propõe estabelecer relação entre o ato de coletar, registrar e armazenar e os diálogos com a cultura, as trocas entre sujeitos e os intercâmbios de ideias; a materialização dessas interações é preservada, em muitos momentos, nos arquivos de criação, fazendo o pesquisador conviver com a “efervescência” dos sujeitos e grupos em criação.¹³

A materialização das subjetividades transformadoras que afetam o artista se dá na escrita, pintura, elaboração de diários. No entanto, ao utilizar-se desses diários como fios condutores de um modo de desenvolvimento do seu pensamento, esse mesmo artista nos coloca

¹⁰ Ibidem, 2017. p. 59.

¹¹ Ibidem, 2010. p. 16.

¹² SALLES, C. A. *Processos de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017. p. 60.

¹³ Idem.

“mais no campo de escolhas em meio à incerteza do que exatidão e precisão”¹⁴. Ou seja, ele registra suas experiências com materiais e técnicas na tentativa de chegar a algo próximo, no caminho, daquilo que almeja tornar obra final.

Esses arquivos, ao nos oferecer “muitas pistas sobre modos de desenvolvimento do pensamento”¹⁵ desses artistas, colocam-se também como **espaço de reflexão teórica, elaboração teórica** acerca do fazer artístico – inclusive sobre a própria mídia na qual tais processos se dão, sobre a relação entre registro e obra. Eles indiciam um diálogo do artista sobre a sua presentidade na produção contemporânea, na sua relação com o tempo, a cultura e demais sujeitos – também em constituição.

A interlocução do artista com pensadores, outros criadores e produtores culturais das mais distintas modalidades, encarna uma rede de interações que gera “trabalhos e reflexões em conjunto”¹⁶. Essas reflexões possibilitam novos olhares para o fazer artístico, para o projeto poético em vias de constituir-se: uma re-apresentação do olhar em processo, uma re-descoberta dos modos de criar. Tudo arquivado como registros de experimentações artísticas, como diálogos artísticos.

É notável que, ao re-ver as possibilidades de uma obra em constituição, o artista se posiciona em novo campo, fértil, de criação, no qual há “uma clara exploração artística/crítica das propriedades que a mídia ofereceu”¹⁷, levando-o a ir além do que vinha executando como criador até então. Essas percepções teóricas se dão no espaço dos armazenamentos de processo, onde tudo está a caminho de ser, em devir.

Isso nos leva à análise crítica dos arquivos de processo como **campo em expansão**. Olhar para esses índices de processo criativo em potencial, em plena exploração, refere-se tanto à “ampliação de meios utilizados para os registros” como à “extensão do olhar do pesquisador para registros já existentes”¹⁸. Partir dos arquivos de processos como ambiente de interações e espaço de reflexão teórica para ir além, para captar as significações armazenadas que indiciam um processo de criação ainda sem obra acabada.

Aqui ficamos de frente à notável “importância da preservação dos arquivos pessoais dos artistas, ou seja, seus registros, assim como de seus depoimentos sobre o processo de criação”¹⁹. Essa preservação se dá, física e/ou digitalmente, em diários, cadernos, blogs, sites, redes sociais, vídeos, esboços etc. No entanto, há artistas que expõem esses documentos, que têm como um dos índices de seu projeto poético tornar públicas essas reflexões acerca do fazer artístico.

Sobre a massiva utilização, na contemporaneidade, dos arquivos digitais pelos artistas, Salles afirma que os mesmos ainda precisam ser melhor explorados e compreendidos, além de levantarem alguns aspectos relevantes, como o

seu grande potencial de armazenamento, que ampliam o espaço de ação dos registros de processo, e o apagamento de fronteiras entre público e privado. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo de experimentação artística, isto é, são arquivos feitos por necessidade de determinados projetos artísticos, cujo potencial está em plena exploração.²⁰

¹⁴ Ibidem, p. 61.

¹⁵ Ibidem, p. 66.

¹⁶ Ibidem, p. 68.

¹⁷ Ibidem, p. 70.

¹⁸ Ibidem, p. 71.

¹⁹ SALLES, C. A. *Processos de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017. p. 72.

²⁰ Ibidem, p. 75.

Ao discorrer acerca dos projetos artísticos que se dão em coletividade, a semiótica brasileira destaca:

Essa necessidade de preservar experimentações é especialmente observada nos grupos que trabalham com o improvisado como matéria prima, mas não somente nesses casos. O registro desses embriões de criação em potencial parece ser um meio de preservar a fugacidade do efeito causado por essas experimentações.²¹

A efemeridade dessas tentativas é um dos motivos essenciais para o arquivamento dos processos de criação. E falar sobre o caráter efêmero dessas apropriações, dessas sobreposições, em viés expositivo é fio condutor no projeto literário de Suzy Lee. Ao denunciar sua trajetória de tentativas e experimentações, a autora comunica a leitores/olhantes crianças e jovens que o seu processo criativo está materializado na constituição de sua obra. Ela re-apresenta seu projeto poético como projeto expositivo de uma obra em vias de se tornar livro, sendo livro, sobre livro.

Suzy Lee e a mostragem dos arquivos de criação

À época da conclusão de seu mestrado em *Book Arts*, Suzy Lee já vinha realizando experimentos na produção do objeto livro. A ideia, execução e reflexão acerca do livro em si, como forma de arte, foi fundamental na decisão da autora ao denunciar os nós da rede que compunham seu fazer artístico. As referências, inspirações, afecções documentadas se materializaram nas páginas duplas do livro-imagem *Alice in Wonderland* – publicado em 2002 pela casa italiana Corraini Edizioni, após Lee levar o boneco do livro à internacional Feira do Livro Infantil de Bolonha, na Itália, surpreendendo editores pelo diferencial do caráter processual presente naquela narrativa pictórica.

As denúncias, exposições do seu fazer literário em imagens plásticas são desenvolvidas nos mais distintos meios pelos quais Lee se comunica com seu público, leitores/olhantes, pesquisadores, interessados. Após sua palestra e exposição no 12º Salão da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), no Rio de Janeiro, em 2010, a artista recebeu um convite da extinta editora brasileira Cosac Naify para publicar um ensaio teórico, falando e refletindo, sobre o desenvolvimento da sua aclamada “Trilogia da Margem” – publicada pela mesma casa editorial, composta pelos títulos *Onda* (2008), *Espelho* (2009) e *Sombra* (2010). O que mais chama a atenção na partilha de Lee, nesse registro em específico, é exatamente a inesgotável fonte de registros que a mesma expõe enquanto fala sobre o seu processo de criação – verdadeiros arquivos de criação à mostra.

No entanto, trabalhar com os arquivos do seu processo criativo é anterior à trilogia em questão, uma vez que a própria Suzy Lee aponta a importância dos experimentos com o objeto livro no impacto com o qual seus livros-imagem atingem leitores/olhantes – sejam eles infantis ou juvenis, mesmo adultos. A denúncia do livro se faz tanto nas páginas duplas do livro (Figura 1) como nas falas e escritos que Lee disponibiliza para o público, como é o caso de seu ensaio teórico, anteriormente mencionado:

[...] A distinção entre Alice e Coelho Branco se desvanece, o sonho constantemente se retrai; a atuação de Alice e o Coelho Branco era uma ilusão no palco da lareira, e mais uma vez *era mera ilusão nas páginas planas de um livro*.²²

²¹ Ibidem, p. 88.

²² LEE, S. *A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2012. p. 16, grifos da autora.

Além de seus livros publicados, Suzy Lee mantém um site oficial e um blog pessoal onde compartilha eventos, pensamentos e índices de seus novos livros, em execução, quando mesmo expõe algumas fontes de inspiração dos seus títulos já disponíveis para o público. Os arquivos irrompem nas mais distintas mídias: sejam fotos dos cadernos e diários, das etapas de desenvolvimento de um livro; sejam notas referentes a obras literárias, musicais e plásticas que foram fundamentais para o surgimento de novas ideias; seja discutindo entrevistas e matérias de outros autores de livros sem palavras ao redor do mundo e como ela, Lee, simpatiza e/ou discorda dos pontos de vista de tais criadores. A autora se utiliza do arquivo digital para refletir teoricamente sobre seu fazer literário e o de outros artistas.

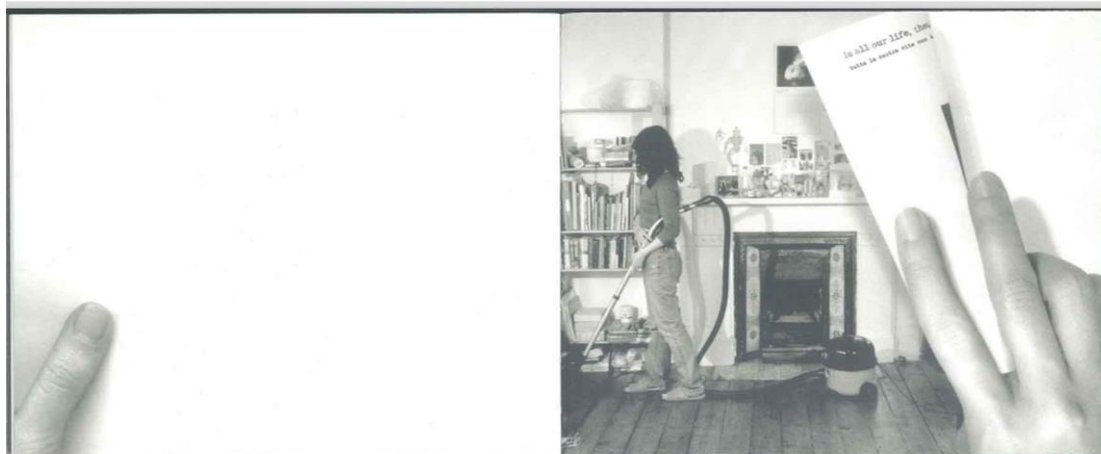


Figura 1: Reprodução de página dupla metaficcional do livro-imagem *Alice in Wonderland*.
Fonte: LEE, 2002, s/p.

Dentro de seu site oficial, a artista alimenta uma página exclusiva para a sua editora pessoal, a Hintoki Press, criada em 1999, pela qual desenvolve e expõe suas tentativas de bonecos de livros que resultaram apenas em etapas no processo de produção de uma obra já publicada (Figura 2). O pensar teórica e pragmaticamente sobre o objeto livro fez com que Suzy Lee caminhasse para além das limitações definidas pela indústria editorial, podendo assim exercer com maior liberdade e plenitude seu processo de criação. Os arquivos expostos no site de sua editora são, também, índices do pensamento processual dessa artista, que se posiciona entre as artes plásticas e a literatura – registros compreendidos como meios de expressar suas ideias e sensações.

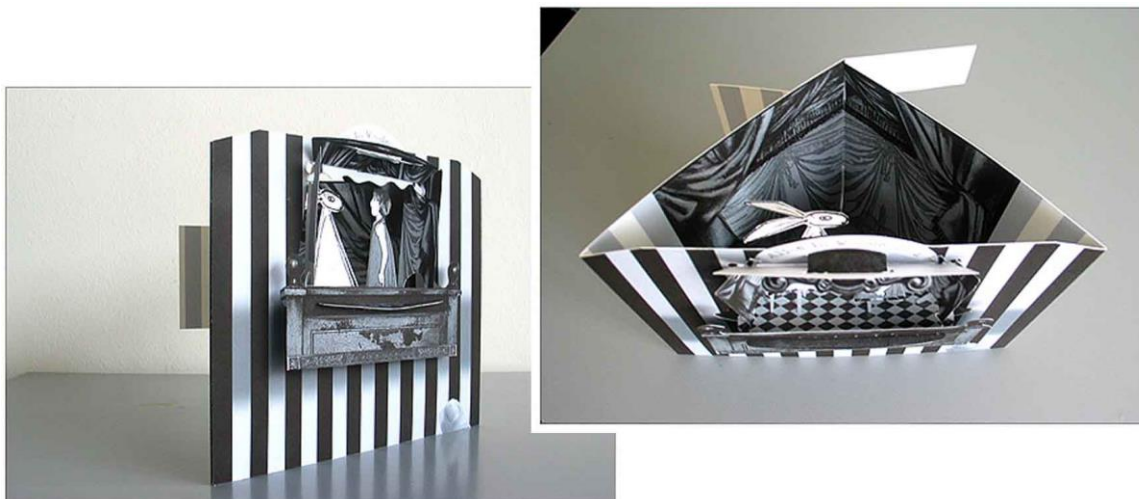
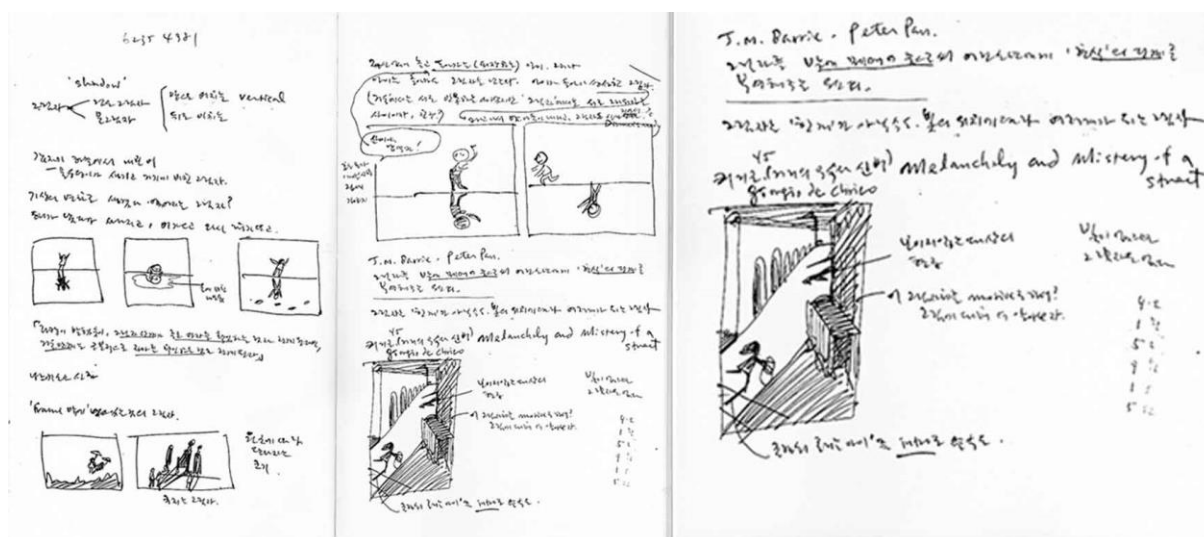


Figura 2: Reprodução de exercício com recortes e montagem de sobreposições que compõem o *Alice Theatre Card*, publicado no site da Hintoki Press, como processo para o livro-imagem *Alice in Wonderland*.

Fonte: LEE, 2007.

Além de participar de eventos acadêmicos sobre os consagrados livros ilustrados para infância e juventude, como foi o caso do *C!talk Seoul*, organizado pelo World Culture Open (WCO), em 2013, onde falou sobre o tema “Adultos, olhem para o livro ilustrado”²³, expondo seu pensamento em processo de criação para a “Trilogia da Margem”; Suzy Lee dá diversas entrevistas para mídias impressas e *online*, como foi o caso do blog *Picturebook Makers*, mantido por especialistas na área de Literatura Infantil e Juvenil, em 2015, onde expôs suas reflexões em torno do processo de criação, em específico, do terceiro título de sua trilogia, *Sombra* (2010).

Na ocasião dessa entrevista, Lee compartilhou, em textos verbais e visuais, alguns índices do processo de criação de *Sombra*, como as anotações em seu caderno de ideias para esse livro-imagem – armazenamento de interações com as ideias de sombra narradas no clássico *Peter Pan* (1902), do autor britânico J. M. Barrie, e pintadas em *Mystery and melancholy of a street* (1914), obra do artista italiano Giorgio de Chirico (Figura 3).



²³ No original: “어른, 그림책을 보다”.

Figura 3: Reprodução de referências no caderno de anotações para o livro-imagem *Sombra*, publicadas em uma entrevista de Lee para o site *Picturebook Makers*.

Fonte: LEE, 2015.

Ainda nessa ocasião, a artista compartilhou algumas tomadas de decisões após experimentar técnicas de cores e traçados, utilização de recortes em negativo para aplicação de *spray* e outros meios de inscrever sua narrativa pictórica nas páginas duplas do livro, cuja leitura se dá na passagem de folhas de baixo para cima (Figura 4). Encarando seu projeto literário como processo em exposição, Lee aproveitou a oportunidade para usar seus arquivos de criação como espaços de reflexão teórica sobre o objeto livro ao denunciar a co-presença de imagens, anteriores e posteriores, na virada da folha – elemento temporizador de uma obra em plena constituição pela ação reativa do leitor/olhante.



Figura 4: Reprodução dos experimentos arquivados de diversas técnicas para o livro-imagem *Sombra*, publicados em uma entrevista de Lee para o site *Picturebook Makers*.

Fonte: LEE, 2015.

Em 2016, celebrando a abertura da *Picturebook Association*²⁴, como uma das integrantes fundadoras da associação, Suzy Lee e outros escritores e ilustradores de livros para infância e juventude da Coreia do Sul realizaram a exposição *Picturebooks_Play, Look, Share*²⁵, entre os meses de julho e agosto, em Seul. Na ocasião, mais uma vez a artista tornou públicos seus arquivos de criação. Na mostragem, que incentivava uma interação com o visitante observador, Lee reuniu diversos arquivos dos seus mais distintos livros publicados (Figura 5), além de reproduzir, em maior escala, alguns exercícios de processo de criação realizados em caráter de incabamento. Ao indiciar para esse visitante que a prática criativa de um livro está aberta, desde sua idealização e elaboração, para leitores/olhantes, a autora expande seu campo de registros, refletindo teoricamente sobre o livro como objeto de arte generoso e apto à recepção das inferências feitas de fora do ambiente de sua constituição original – o ateliê do artista (Figura 6).

²⁴ No original: “그림책 협회”.

²⁵ No original: “그림책_놀다, 보다, 나누다”.



Figura 5: Reprodução de painel expositor com cadernos de anotações dos processos de livros distintos, publicado numa matéria especial para o site oficial da Picturebook Association.
Fonte: LEE, 2016.



Figura 6: Reprodução de réplica aumentada de um exercício de criação para o livro-imagem *Alice in Wonderland*, publicado numa matéria especial para o site oficial da Picturebook Association.
Fonte: LEE, 2016.

Na perspectiva de uma crítica de processo, tomando os arquivos de criação como eixo direcionador do projeto poético de uma autora tão experimentalista, Suzy Lee encarna a ideia de obra em processo ao estar frequentemente indagando, exercitando e refletindo sobre o objeto livro. As recorrentes denúncias, mostragens e exposições de seus arquivos de criação ecoam um pensamento processual dos registros, caminhando na esteira das reflexões de Cecilia Almeida Salles, indiciando rastros de um fazer literário que se comunica e expande artisticamente.

Considerações Finais

Após nossa breve explanação sobre alguns dos modos pelos quais Suzy Lee expõe seus arquivos de processo de criação, podemos concluir, brevemente, que essa *book artist*, de fato, traz reflexões pertinentes e inovadoras para a reflexão crítica em Literatura Infantil e Juvenil, tanto no campo teórico – por incitar novos pensamentos sobre o objeto livro como forma significativa

nas composição e estrutura de uma narrativa endereçada ao jovem leitor/olhante – quanto no campo pragmático – uma vez que o estranhamento de leitura com o objeto artístico acontece num incessante desvelar das camadas de criação deixadas como índices de um pensamento em processo que não cessa naquele livro aberto diante dos olhos da criança ou do adolescente.

Poderíamos ainda afirmar que, com base no que a reflexão contemporânea acerca da crítica de processo nos despertou a observar, um campo ainda inexplorado nos estudos crítico-literários se mostra no horizonte para futuras e aprofundadas pesquisas sobre o projeto poético de tantos autores que, como Suzy Lee, colocam seus processos de escritura e composição como partes constituintes dos textos, verbal e visual, impressos nas páginas de livros que, enquanto materialidade significativa sintático e semanticamente, re-posicionam o leitor/olhante diante do códex não mais como dispositivo ou receptáculo de informações que carregam a mensagem artística. O próprio objeto, em concomitância às materialidades verbal e visual, lança uma mensagem híbrida às leituras possíveis.

Por fim, o fato de esses materiais engavetados serem colocados à mostra – literalmente, em exposições –, com curadorias especializadas, além de um profundo engajamento dos autores na seleção desses arquivos de processo, marca a criação de novos espaços de reflexão sobre o livro e a literatura para infância e juventude, onde esse objeto é colocado em novos lugares de significação, próximo às artes plásticas e escultóricas, ainda que incitando novas sensações e percepções sobre a ideia de obra (in)acabada.

Referências

- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LEE, S. *Alice in Wonderland*. Mantua: Corraini Edizioni, 2002.
- LEE, S. *Alice Theatre Card*. Hintoki Press, 15 abr. 2007. Disponível em: <http://www.suzyleebooks.com/zeroboard/zboard.php?id=press&page=1&sn1=&divpage=1&sn=off&ss=on&sc=on&select_arrange=headnum&desc=asc&no=24&PHPSESSID=24619138f12e5964faf08a193bdd873b> Acesso em: 15 jan. 2017.
- LEE, S. *A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- LEE, S. *Makers: Suzy Lee – KOREA*. *Picturebook Makers*, 23 jun. 2015. Disponível em: <<http://blog.picturebookmakers.com/post/122240028421/suzy-lee>> Acesso em: 15 jan. 2017.
- LEE, S. “[원주 치악예술관] 그림책_놀다,보다,나누다 [2016.7.8~8.7]”. *Picturebook Association*, 09 jul. 2016. Disponível em: <http://picturebook-illust.com/board_detail.asp?uid=17&num=15&boardno=32&page=1> Acesso em: 15 jan. 2017.
- NIKOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- SALLES, C. A. *Arquivos de criação: arte e curadoria*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2010.
- SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- SALLES, C. A. *Processos de criação em grupo: diálogos*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- SALLES, C. A. *Redes da criação: construção da obra de arte*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

Recebido em: 24 de fevereiro de 2019

Aceito em: 11 de abril de 2019